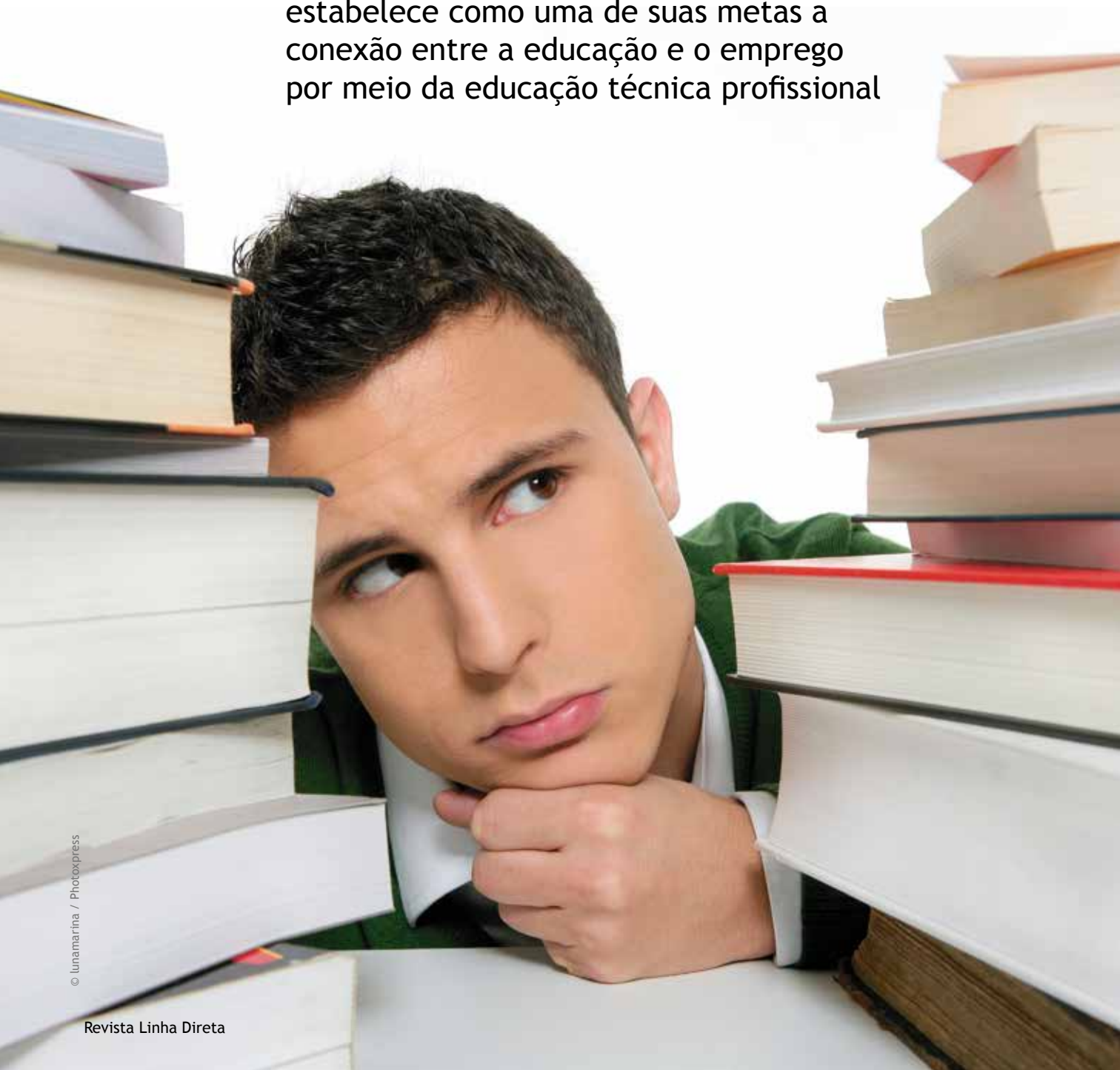




Trabalho e Educação

O documento Metas Educativas 2021 estabelece como uma de suas metas a conexão entre a educação e o emprego por meio da educação técnica profissional



Para a professora e pesquisadora Lucília Machado, coordenadora do Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local do Centro Universitário UNA, existem diferentes formas de se pensar a conexão entre a educação e o mundo do trabalho. O tema pode ser abordado pelo ângulo do currículo, da formação de professores, da relação da escola com a sociedade, das políticas públicas, especialmente das políticas educacionais e de trabalho, emprego e renda. Para a especialista, são dois mundos separados e com dificuldades para se encontrarem: o da educação e o do trabalho. Confira a entrevista completa.

Como o documento Metas Educativas 2021 trata a conexão entre a educação técnica profissional e o mercado de trabalho?

O documento estabeleceu duas formas de se buscar essa conexão. A primeira diz respeito ao desenho da educação técnica profissional em diálogo com as demandas de trabalho. Portanto, uma questão de ordem curricular ou organizativa dessa oferta educacional. A segunda, à criação de mecanismos que promovam a inserção dos jovens egressos do ensino técnico-profissional no mercado de trabalho. Os jovens enfrentam um problema muito sério, que é conseguir seu primeiro emprego e permanecer no mercado de trabalho formal.

Qual o conceito de mercado de trabalho?

O mercado de trabalho é concebido como um lugar de encontro da oferta e da demanda de forças de trabalho. Sob a influência da economia neoclássica, oferta e demanda são vistas como realidades independentes, cujo equilíbrio se encontraria, espontaneamente, no próprio mercado. Este teria mecanismos reguladores para estabelecer um nível ótimo de emprego e da taxa salarial. O documento Metas Educativas 2021 nos convida a mudar essa maneira de pensar.

Se o próprio mercado cuida desse equilíbrio espontaneamente, o campo educacional não teria muito pouco a fazer, a não ser se adaptar a ele, fazer pesquisas e buscar responder às suas demandas?

Esta é a tendência que vem sendo constituída. Contudo, se olharmos para o passado e para as tentativas nessa direção, percebe-se pouco sucesso. Os dois mundos, o do trabalho e o da educação, conti-

Trabajo y Educación

El documento Metas Educativas 2021 establece como una de sus metas la conexión entre la educación y el empleo por medio de la educación técnica profesional

Para la profesora y investigadora Lucília Machado, coordinadora del Maestría en Gestión Social, Educación y Desarrollo Local del Centro Universitario UNA, existen diferentes formas de pensar la conexión entre la educación y el mundo del trabajo. El tema puede ser abordado por el ángulo del currículo, de la formación de profesores, de la relación de la escuela con la sociedad, de las políticas públicas, especialmente de las políticas educacionales y de trabajo, empleo y renta. Para la especialista, son dos mundos separados y con dificultades para encontrarse: el de la educación y el del trabajo. Vea la la entrevista completa.

¿Cómo el documento Metas Educativas 2021 trata la conexión entre la educación técnica profesional y el mercado de trabajo?

El documento estableció dos formas de buscar esa conexión. La primera habla al respecto del diseño de la educación técnica profesional en diálogo con las demandas de trabajo. Por lo tanto, una cuestión de orden curricular u organizativa de esa oferta educacional. La segunda, la creación de mecanismos que promuevan la inserción de los jóvenes egresos de la enseñanza técnica-profesional en el mercado de trabajo. Los jóvenes enfrentan un problema muy serio, que es conseguir su primer empleo y permanecer en el mercado de trabajo formal.

¿Cuál es el concepto de mercado de trabajo?

El mercado de trabajo es concebido como un lugar de encuentro de la oferta y de la demanda de fuerzas de trabajo. Bajo la influencia de la economía neoclás-

nuam muito separados, e as instituições escolares e seus professores, pouco ativos e propositivos sobre o que fazer. Não se trata de dar as costas ao mundo do trabalho, achar que não é um problema que nos cabe discutir, pois as relações sociais do mercado de trabalho são construções sociais. Nós temos compromissos com nossos estudantes. Temos compromissos na perspectiva do que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) preconiza: criar empregos decentes, seguros e dignos e que possibilitem, portanto, uma vida de realizações para as novas gerações.

Essa discussão sobre o que é um emprego decente, de qualidade, digno é um problema que desafia não só os países em desenvolvimento...

A criação de empregos com essas características pressupõe uma participação maior da sociedade e do Estado, e as instituições educacionais precisam se envolver nesse compromisso. O desafio está na mudança da noção sobre o funcionamento do mercado de trabalho, que passa pelo pressuposto de que nós podemos intervir e buscar outra lógica de regulação desse mercado.

E como regular?

Criando representações, conceitos, regras, normas, pautas de comportamento que orientem as pessoas e o debate social e educacional, as relações de trabalho. Nós podemos influir estabelecendo alguns parâmetros do que seja trabalho decente, seguro, digno, de qualidade, para que as pessoas, por meio de suas organizações, movimentos da sociedade civil, das diversas instituições interessadas, das políticas públicas, possam discutir o problema e intervir sobre ele. Então, por um lado, temos uma concepção tradicional de regulação do mercado de trabalho pela dinâmica dos preços: se a batata está cara, o consumidor não compra, o produto sobra e os preços tendem a baixar. Mas não é possível pensar assim quando se trata de seres humanos. Então, outra perspectiva é pensar a construção da relação entre trabalho e educação sob a lógica do social.

Isso é possível?

É difícil, mas é uma questão que se coloca quando discutimos a perspectiva do desenvolvimento humano e das sociedades. Quando fazemos isso, estamos estabelecendo algumas metas a atingir, como o faz o próprio documento Metas Educativas 2021, da OEI. Para essa ação social de regulação ter consequên-

sica, oferta y demanda son vistas como realidades independientes, cuyo equilibrio se encontraría, espontáneamente, en el propio mercado. Éste tendría mecanismos reguladores para establecer un nivel óptimo de empleo y de la tasa salarial. El documento Metas Educativas 2021 nos convida a mudar esa manera de pensar.

¿Si el propio mercado cuida de ese equilibrio espontáneamente, el campo educacional no tendría muy poco para hacer, a no ser adaptarse a él, hacer pesquisas y buscar responder las demandas?

Ésta es la tendencia que viene siendo constituida. A pesar de esto, si observamos para el pasado y para las tentativas en esa dirección, se percibe poco éxito. Los dos mundos, el del trabajo y el de la educación, continúan muy separados, y las instituciones escolares y sus profesores, poco activos y propositivos sobre qué hacer. No se trata de dar la espalda al mundo del trabajo, pensar que no es un problema que nos cabe discutir, pues las relaciones sociales del mercado de trabajo son construcciones sociales. Nosotros tenemos compromisos con nuestros estudiantes. Tenemos compromisos en la perspectiva de lo que la Organización Internacional del Trabajo (OIT) prioriza: crear empleos decentes, seguros y dignos y que possibiliten, por lo tanto, una vida de realizaciones para las nuevas generaciones.

Esta discusión sobre lo qué es un empleo decente, de calidad, digno es un problema que desafía no sólo a los países en desarrollo...

La creación de empleos con estas características presupone una participación mayor de la sociedad y del Estado, y las instituciones educacionales precisan involucrarse en este compromiso. El desafío está en el cambio de la noción sobre el funcionamiento del mercado de trabajo, que pasa por el presupuesto de que nosotros podemos intervenir y buscar otra lógica de regulación de este mercado.

¿Y cómo regular?

Creando representaciones, conceptos, reglas, normas, pautas de comportamiento que orienten a las personas y el debate social y educacional, las relaciones de trabajo. Nosotros podemos influir estableciendo algunos parámetros de lo que sea trabajo decente, seguro, digno, de calidad, para que las personas, por medio de sus organizaciones, movimientos de la sociedad civil, de las diversas instituciones

cia, é preciso que haja clareza sobre aonde chegar. Isso significa construir um projeto de desenvolvimento com sustentabilidade - social, econômica, ambiental -, que atenda às necessidades sociais, baseado em valores humanos e que pressuponha uma construção coletiva. Um projeto construído com a perspectiva de desenvolver integralmente a sociedade, não somente do ponto de vista econômico.

O desafio está na mudança da noção sobre o funcionamento do mercado de trabalho... // El desafío está en el cambio de la noción sobre el funcionamiento del mercado de trabajo...

Mas, para fazer isso, temos como referência todo um espaço nacional e até internacional. Não é difícil atuar e organizar em espaços tão abrangentes?

Sim. Por isso, o território é uma base social importante de ser resgatada quando se pensa em uma atuação desse tipo. O conceito de território é diferente do conceito de região. O conceito de região é muito geográfico e espacial. Já o conceito de território é mais do que isso, pois envolve a vida social local, as comunidades, a dimensão cultural, as redes de conhecimento, de colaboração e de solidariedade. O território também tem dimensões simbólicas importantes, como as relações de vizinhança e de amizade. São relações que permitem pensar na perspectiva de construção de redes, o que é fundamental para identificar modos de se resolverem problemas, como os de geração de trabalho e de renda, e de possibilitar criar alternativas para a sobrevivência das pessoas. Isso pressupõe considerar que a dimensão territorial ganhou um espaço muito importante com as mudanças que ocorreram a partir da globalização capitalista.

Com a globalização capitalista, o que aconteceu?

Por incrível que pareça, aconteceu uma valorização da dimensão local. Vários teóricos têm chamado a atenção para isso. Hoje, com a globalização - o rompimento de fronteiras, o envolvimento de todos na dinâmica global - e com as novas tecnologias de informação e comunicação, mesmo pessoas que moram em locais distantes dos centros urbanos estão conectadas, implicadas no processo dessa dinâ-

interesadas, de las políticas públicas, puedan discutir el problema e intervenir sobre él. Entonces, por un lado, tenemos una concepción tradicional de regulación del mercado de trabajo por la dinámica de los precios: si la patata está cara, el consumidor no compra, el producto sobra y los precios tienden a bajar. Pero no es posible pensar así cuando se trata de seres humanos. Entonces, otra perspectiva es pensar en la construcción de la relación entre trabajo y educación bajo la lógica social.

¿Esto es posible?

Es difícil, pero es una cuestión que se coloca cuando discutimos la perspectiva del desarrollo humano y de las sociedades. Cuando hacemos esto, estamos estableciendo algunas metas para alcanzar, como lo hace el propio documento Metas Educativas 2021, de la OEI. Para que esta acción social de regulación tenga consecuencias, es preciso que haya claridad sobre adónde llegar. Esto significa construir un proyecto de desarrollo con sostenibilidad - social, económica, ambiental -, que atienda a las necesidades sociales, basado en valores humanos y que presuponga una construcción colectiva. Un proyecto construido con la perspectiva de desarrollar ver integralmente la sociedad, no solamente desde el punto de vista económico.

Pero, para hacer esto, tenemos como referencia todo un espacio nacional y hasta internacional. ¿No es difícil actuar y organizar en espacios tan amplios?

Sí. Por eso, el territorio es una base social importante de ser rescatada cuando se piensa en una actuación de ese tipo. El concepto de territorio es diferente del concepto de región. El concepto de región es muy geográfico y espacial. Ahora el concepto de territorio es más que eso, pues envuelve la vida social local, las comunidades, la dimensión cultural, las redes de conocimiento, de colaboración y de solidaridad. El territorio también tiene dimensiones simbólicas importantes, como las relaciones entre vecinos y de amistad. Son relaciones que permiten pensar en la perspectiva de construcción de redes, lo que es fundamental para identificar modos de resolver problemas, como los de generación de trabajo y de renta, y de possibilitar crear alternativas para la sobrevivencia de las personas. Esto presupone considerar que la dimensión territorial obtuvo un espacio muy importante con los cambios que ocurrieron a partir de la globalización capitalista.

mica global, vendendo, comprando, estabelecendo contatos etc. Com isso, a dinâmica dessas relações passa a se interessar pelo que acontece no nível territorial. Muitas vezes, a especificidade da cultura local e do produto que é produzido ali tem uma singularidade tão peculiar que passa a ser de interesse global. Com isso, temos a valorização das culturas, dos produtos e das pessoas locais.

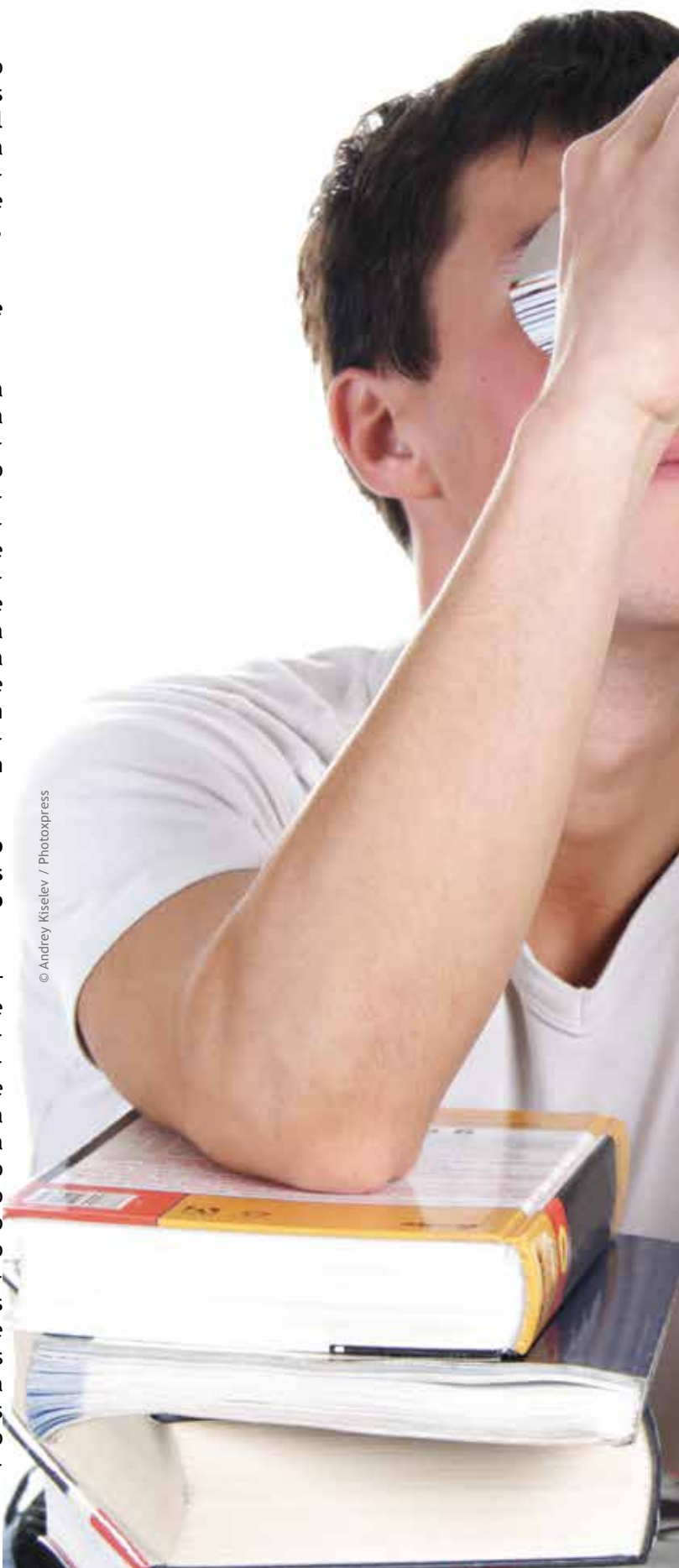
Então poderíamos pensar em um conceito de mercado de trabalho local?

Se pensarmos no mercado de trabalho dentro dessa perspectiva de mobilização social e de uma nova lógica de distribuição das mercadorias, isso pressupõe, sim, a construção de um conceito de mercado de trabalho local. Só que essa palavra - local - precisa ser considerada de uma maneira muito peculiar. Não é o local geográfico. Existem análises de mercado de trabalho local pela via da segmentação e da diferenciação espacial, mas, dentro deste paradigma que eu estou propondo, é a perspectiva da construção social das relações, significada pela identidade territorial e cultural. É a construção de uma especificidade, de uma singularidade, de um mercado de trabalho construído socialmente, dentro de um contexto de relações, em interação com a própria perspectiva da globalização.

Mudando um pouco de assunto, qual a sua opinião sobre a definição de currículos por competências e suas implicações na conexão entre a educação técnica profissional e o mercado de trabalho?

Acredita-se que uma das possibilidades para fazer a conexão entre a educação técnica profissional e o mercado de trabalho seja pela via do desenvolvimento de competências. Isso significa fazer desenhos curriculares por competências, definir o que se quer desenvolver nos alunos e estabelecer uma política de avaliação por competências, visando a adaptá-los ao mercado de trabalho. Porém, eu vejo nessa formulação alguns problemas. O primeiro deles: é uma abordagem muito tecnicista. É como se fôssemos capazes de definir com precisão o ato humano e como ele deve ser praticado. É uma visão que remonta a uma pedagogia que já tivemos no passado, a *pedagogia por objetivos*: definem-se os objetivos educacionais e esses são orientadores da sua ação pedagógica. Só que a ação humana é muito mais complexa do que isso, e não temos condições de prever e prever o comportamento humano nesse nível de objetivação. O segundo pro-

© Andrey Kiselev / Photoxpress





¿Qué sucedió con la globalización capitalista?

Por increíble que parezca, aconteció una valorización de la dimensión local. Varios teóricos han llamado la atención para esto. Hoy, con la globalización - el rompimiento de fronteras, el involucramiento de todos en la dinámica global - y con las nuevas tecnologías de información y comunicación, hasta personas que viven en locales distantes de los centros urbanos están conectadas, implicadas en el proceso de esta dinámica global, vendiendo, comprando, estableciendo contactos etc. Con esto, la dinámica de estas relaciones pasa a interesarse por lo que sucede a nivel territorial. Muchas veces, la especificidad de la cultura local y del producto que es producido allí tiene una singularidad tan peculiar que pasa a ser de interés global. Con esto, tenemos la valorización de las culturas, de los productos y de las personas locales.

¿Entonces podríamos pensar en un concepto de mercado de trabajo local?

Si pensamos en el mercado de trabajo dentro de esta perspectiva de movilización social y de una nueva lógica de distribución de las mercaderías, eso presupone, si, la construcción de un concepto de mercado de trabajo local. Sólo que esta palabra - local - precisa ser considerada de una manera muy peculiar. No es el local geográfico. Existen análisis de mercado de trabajo local por la vía de la segmentación y de la diferenciación espacial, pero, dentro de este paradigma que yo estoy proponiendo, es la perspectiva de la construcción social de las relaciones, significada por la identidad territorial y cultural. Es la construcción de una especificidad, de una singularidad, de un mercado de trabajo construido socialmente, dentro de un contexto de relaciones, en interacción con la propia perspectiva de la globalización.

Cambiando un poco de asunto, cuál es su opinión sobre la definición de currículos por competencias y sus implicaciones en la conexión entre la educación técnico/ profesional y el mercado de trabajo?

Se piensa que una de las posibilidades para hacer la conexión entre la educación técnico/profesional y el mercado de trabajo sea por la vía del desarrollo de competencias. Esto significa hacer diseños curriculares por competencias, definir lo que se quiere desarrollar en los alumnos y establecer una política de evaluación por competencias, buscando adaptarlos al mercado de trabajo. Pero, yo veo en esa formulación algunos problemas. El primero de ellos:

blema é que pessoas que recebem a mesma educação podem responder a um desafio com entendimentos diferentes do que seja eficácia, ou de como ser eficaz. Competências humanas são fatos inegáveis. Porém, eu as comparo a uma caixa preta, de difícil acesso, pois as pessoas possuem diferentes estratégias de aprendizagem e de aplicação do que aprenderam, variam suas interpretações sobre os conceitos, a percepção, os sentidos, a maneira de ver o mundo, os valores. É muito diversificado o modo como cada um mistura tudo isso e reage em diferentes situações. Isso é sempre um mistério, até para a própria pessoa. Considero a competência humana como algo pouco tangível. Daí o terceiro problema dessa maneira de entender a conexão entre educação e trabalho, que é essa questão de prescrever currículos e avaliações com base em tais e tais competências para se fazer algo. No meu entendimento, isso é uma lógica taylorizada de pensar a educação.

... as pessoas possuem diferentes estratégias de aprendizagem e de aplicação do que aprenderam... //
... las personas poseen diferentes estrategias de aprendizaje y de aplicación de lo que aprendieron...

Como assim?

Taylorismo é um método de gestão do trabalho, desenvolvido por Taylor, que estabeleceu formas de aumentar a produtividade do trabalho humano por meio do seu parcelamento e do controle de seus movimentos e tempos. Eu vejo na pedagogia das competências a inspiração da prescrição taylorista. Ora, se hoje nós vivemos num contexto de produção flexível, se queremos pessoas capazes de responder a incertezas, situações incontroláveis, eventos não previstos, como podemos prescrever por antecipação a resolução e a forma de se comportar diante de problemas inusitados? Então, acredito, é uma pretensão muito grande querer estabelecer um rol de competências a serem ensinadas, controladas, monitoradas, avaliadas, para definir comportamentos desejáveis de pessoas. Acredito, inclusive, que isso beira uma forma pouco democrática de se pensar o processo de desenvolvimento humano, porque engessamos um modelo de ação humana quando definimos um padrão de comportamento a partir do modelo de competências. ■

es un abordaje muy tecnicista. Es como si fuésemos capaces de definir con precisión el acto humano y como él debe ser practicado. Es una visión que remonta a una pedagogía que ya tuvimos en el pasado, la *pedagogía por objetivos*: se definen los objetivos educacionales y estos son orientadores de su acción pedagógica. Sólo que la acción humana es mucho más compleja que esto, y no tenemos condiciones de prever y predecir el comportamiento humano en este nivel de objetivación. El segundo problema es que personas que reciben la misma educación pueden responder a un desafío con entendimientos diferentes al de eficacia, o de cómo ser eficaz. Competencias humanas son hechos innegables. Pero, yo las comparo a una caja negra, de difícil acceso, pues las personas poseen diferentes estrategias de aprendizaje y de aplicación de lo que aprendieron, varían sus interpretaciones sobre los conceptos, la percepción, los sentidos, la manera de ver el mundo, los valores. Es muy diversificado el modo como cada uno mezcla todo eso y reacciona en diferentes situaciones. Esto es siempre un misterio, hasta para la propia persona. Considero la competencia humana como algo poco concreto. Nace de ahí el tercer problema de esta manera de entender la conexión entre educación y trabajo, que es esta cuestión de prescribir currículos y evaluaciones con base en tales competencias para hacer algo. Bajo mi entendimiento, esto es una lógica taylorizada de pensar la educación.

¿Cómo “taylorizada”?

Taylorismo es un método de gestión del trabajo, desarrollado por Taylor, que estableció formas de aumentar la productividad del trabajo humano por medio de su división y del control de sus movimientos y tiempos. Yo veo en la pedagogía de las competencias la inspiración de la prescripción taylorista. Si hoy vivimos en un contexto de producción flexible, si queremos personas capaces de responder las incertidumbre, situaciones incontrolables, eventos no previstos, ¿cómo podemos prescribir por anticipación la resolución y la forma de comportarse delante de problemas inusitados? Entonces, pienso, es una pretensión muy grande querer establecer un rol de competencias a ser enseñadas, controladas, monitoradas, evaluadas, para definir comportamientos deseables de personas. Creo, inclusive, que esto limita con una forma poco democrática de pensar el proceso de desarrollo humano, porque moldeamos un modelo de acción humana cuando definimos un patrón de comportamiento a partir del modelo de competencias. ■